



Divulgação científica sobre o ensino de oralidade e formação de professores: experiências vividas em um projeto de extensão

Scientific dissemination of oral language teaching and teacher training: experiences in an extension project

Divulgación científica sobre enseñanza oral y formación docente: experiencias en un proyecto de extensión

Emily Souza Mattos¹

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil

Jaqueline Reis Machado²

Graduada em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil

Tânia Guedes Magalhães³

Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/MG, Brasil

Recebido em: 11/10/2024

Aceito em: 06/12/2024

Resumo

Neste trabalho, apresentamos os resultados do projeto de extensão ‘Divulgação científica, oralidade e formação de professores de Língua Portuguesa’, da Universidade Federal de Juiz de Fora, integrado ao Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino – LABOR. Para tanto, evidenciamos a importância do trabalho de divulgação científica como mecanismo para possibilitar acesso de professores a conteúdos sobre oralidade, visto que pesquisas constatarem uma ausência dessa temática na formação docente (Galvão; Azevedo, 2015; Luna, 2017; Magalhães; Lacerda, 2019). Desse modo, reforçamos a relevância de um trabalho sistematizado em torno dos gêneros orais, que busca romper com a supremacia da escrita. A fim de cumprir com nosso propósito, apresentamos ações desenvolvidas no decorrer do projeto, como a manutenção da página do LABOR no Instagram, com divulgação de resultados de pesquisa, cursos e materiais no eixo da oralidade. Finalmente, refletimos sobre os impactos gerados por essas atividades, tanto para nós quanto para os seguidores do perfil.

Palavras-chave: Formação docente. Gêneros orais. Oralidade.

Abstract

This study presents the results of the extension project ‘Scientific Dissemination, Orality, and Teacher Training for Portuguese Language Teachers’, at the Federal University of Juiz de Fora, integrated into the Brazilian laboratory of Orality, Education and Teaching (LABOR). To this end, we highlight the importance of scientific dissemination work as a mechanism for greater access for teachers to content on orality, as research finds a lack

¹ emilysmattos40@gmail.com .

² jaquemachado15@outlook.com .

³ tania.magalhaes95@gmail.com .

of this topic in teacher training (Galvão, Azevedo, 2015; Luna, 2017; Magalhães; Lacerda, 2019). In this way, we reinforce the relevance of a systematized approach to oral genres, which seeks to break with the supremacy of writing. In order to fulfill our purpose, we present actions developed during the project such as maintaining the LABOR page on Instagram with the dissemination of research findings, courses and materials related to orality. Finally, we reflect on the impacts generated by these activities, both for us and for the followers.

Keywords: Teacher education. Oral genres. Orality.

Resumen

En este trabajo, presentamos los resultados del proyecto de extensión 'Difusión científica, oralidad y formación de profesores de lengua portuguesa', de la Universidad Federal de Juiz de Fora, integrado en el Laboratorio Brasileño de Oralidad, Formación y Enseñanza – LABOR. Para ello, destacamos la importancia del trabajo de divulgación científica como mecanismo para un mayor acceso de los docentes a contenidos sobre la oralidad, dado que las investigaciones señalan una ausencia de este tema en la formación docente (Galvão, Azevedo, 2015; Luna, 2017; Magalhães; Lacerda, 2019). De esta manera, reforzamos la relevancia del trabajo sistematizado en torno a los géneros orales, que busca romper con la supremacía de la escritura. Para cumplir con nuestro propósito, presentamos acciones desarrolladas durante el proyecto como mantener la página de LABOR en Instagram con la difusión de investigaciones, cursos y materiales en el eje de la oralidad. Finalmente, reflexionamos sobre los impactos que generan estas actividades, tanto para nosotros como para los seguidores del perfil.

Palabras clave: Formación docente. Géneros orales. oralidad.

Introdução

Compreendendo a oralidade como uma prática social que se baseia na interação com finalidades comunicativas variadas ou gêneros textuais realizados por meio da realidade sonora (Marcuschi, 2001), é notório que a comunicação oral permeia majoritariamente nossas interações no mundo. No entanto, é possível perceber que a escrita ocupa lugar de maior prestígio quando comparada à fala, o que é perceptível tanto em práticas cotidianas quanto em estudos científicos (Marcuschi, 2001; Signorini, 2001). Nesse sentido, nota-se que a modalidade oral foi compreendida, entre docentes e materiais didáticos, como informal e espontânea (Koch, 1992; Marcuschi, 2001), fazendo com que suas práticas de ensino ocorressem de maneira não planejada, fato que se constata até hoje (Leal; Gois, 2012; Costa-Maciel, 2014; Bueno; Costa-Hübes, 2015). Tal desvalorização, arraigada culturalmente na sociedade brasileira, pode ser observada não só em visões de senso comum, mas também na universidade e na escola, que ainda não compreendem de forma plena a complexidade dessa modalidade e insistem em colocá-la em segundo plano no ensino.

Apesar disso, nos últimos anos, as discussões acerca das práticas de oralidade têm ganhado espaço em pesquisas voltadas para o ensino e a formação docente, conquista esta que contribui para o rompimento com a tradição da supremacia da escrita, fenômeno de supervalorização da escrita em detrimento da fala, principalmente no ambiente escolar e acadêmico (Costa-Maciel; Forte-Ferreira;

Bilro, 2021; Costa-Hübes; Swiderski, 2015). Entretanto, estudos revelam que ainda há muitos obstáculos no trabalho pedagógico em que gêneros orais se tornem o principal objeto de ensino (Araújo; Silva, 2016; Ávila; Nascimento; Gois, 2012). Em vista disso, nota-se que tal fato anula o grande potencial das práticas com esse eixo, reforçando uma visão equivocada da oralidade que, conseqüentemente, corrobora a consolidação da crença no “basta falar” e do falar bem como um “dom”, já que o desenvolvimento da oralidade é comumente associado a um processo natural independente da escolarização (Leal; Brandão; Nascimento, 2010). Sendo assim, é evidente a falta de um trabalho efetivo com a modalidade oral na escola, no qual sejam exploradas as suas especificidades, o que impossibilita uma organização sistemática para desenvolver capacidades de linguagem por meio do ensino de diferentes gêneros (Schneuwly; Dolz, 2010; Araújo; Silva, 2016).

Sob esse viés, considerando as demandas e dificuldades encontradas no ensino de oralidade e na formação de professores (Bueno, 2009; Costa-Maciel, 2014; Galvão; Azevedo, 2015; Magalhães *et al*, 2023), neste relato objetivamos apresentar os resultados de uma experiência vivida⁴ no projeto de extensão denominado *Divulgação científica, oralidade e formação de professores*, da Universidade Federal de Juiz de Fora, durante os anos de 2022 a 2024, integrado ao Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino - LABOR. Este laboratório tem o intuito de a) auxiliar a formação docente, visto que são observadas algumas lacunas curriculares nos cursos de Licenciatura para o trato da modalidade oral (Luna, 2017; Mattos, 2019); e b) de popularizar os conteúdos sobre didatização desse eixo. Portanto, ao perceber o cenário de pouca valorização e atenção à oralidade, nosso trabalho busca ampliar e disseminar os conhecimentos e práticas que envolvem os gêneros orais e as práticas de oralidade na escola.

Para cumprir este objetivo, apresentamos inicialmente uma caracterização do projeto e das ações desenvolvidas; em seguida, elencamos os referenciais teóricos que embasam e justificam nossa perspectiva de intervenção. Adiante, realizamos uma descrição minuciosa da experiência, destacando as atividades desempenhadas no decorrer da prática e, por fim, após avaliar os resultados obtidos, encerramos com as considerações finais tecendo reflexões para ampliar o trabalho futuramente.

Caracterização do projeto de extensão

O Projeto de extensão “Divulgação científica, oralidade e formação de professores”, no qual o

⁴ As duas primeiras autoras atuaram como graduandas bolsistas do projeto relatado, e a terceira autora como orientadora.

presente trabalho se baseia, é promovido pelo Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino – LABOR, um projeto interinstitucional⁵ que tem como objetivo desenvolver diversas ações que visam a aprimorar o ensino de gêneros orais nos diferentes níveis de escolarização. Nesse sentido, direciona-se, principalmente, à formação docente, visando ampliar o conhecimento dos professores sobre oralidade, bem como auxiliar na didatização das práticas dessa modalidade, a fim de fortalecer a importância do trabalho sistematizado com o oral.

O período de produção das atividades descritas neste relato foi de agosto de 2022 a agosto de 2024, com a nossa participação como equipe – duas bolsistas e orientadora. Sendo assim, os resultados apresentados foram obtidos através das ações desenvolvidas por nós durante a atuação no projeto, como divulgação artigos, livros, *lives* e materiais didáticos nas redes sociais e no site do LABOR, elaboração e formatação de novos materiais e textos para divulgação, seleção de trabalhos a serem inseridos no repositório do laboratório (onde é possível encontrar diversos conteúdos sobre ensino de oralidade e gêneros orais), reuniões de orientação para alinhar e atualizar o cronograma das atividades e o estudo de trabalhos recém-publicados.

Desse modo, destacamos a relevância deste projeto na disseminação de pesquisas em que a oralidade é o principal objeto das ações docentes. Nota-se, portanto, um compromisso em tentar suprir as lacunas pedagógicas encontradas na formação de professores, tanto da escola básica quanto do ensino superior; além disso, há uma preocupação em conscientizá-los sobre os impactos positivos da inserção de práticas orais durante o processo de ensino-aprendizagem. O ensino de oralidade é um mecanismo para formação cidadã, que auxilia na construção de um sujeito autônomo na sociedade, uma vez que, ao se apropriar dos conhecimentos e das experiências acerca dessa modalidade, o aluno se torna um indivíduo capaz de se posicionar criticamente através da fala nos diferentes contextos de interação.

Fundamentação teórica

Para compreender os aspectos envolvidos na relação entre oralidade e formação docente, relação na qual o projeto de divulgação científica se fundamenta, é importante ressaltar que, de acordo

⁵ O LABOR é coordenado pelas Profas. Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel (universidade de Pernambuco), Letícia Jovelina Storto (Universidade Estadual do Norte do Paraná), Luzia Bueno (Universidade São Francisco) e Tânia Guedes Magalhães (Universidade Federal de Juiz de Fora). Para mais informações sobre o LABOR, acessar as redes <https://www2.ufjf.br/labor/> e @labor.oralidade

com Marcuschi (2001, p. 25), a oralidade é uma “uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros fundados na realidade sonora”; tais práticas ocorrem de maneira mais informal até usos mais formais da fala; os gêneros orais, então, são adequados aos contextos de uso. O autor ainda destaca que por ser a fala adquirida naturalmente em situações cotidianas, ela não alcança o prestígio da modalidade escrita, ainda que esta tenha sido criada mais tardiamente pelos humanos em relação à oralidade (Marcuschi, 2001) e imposta em variadas sociedades, de forma violenta em condições de dominação, como no período de colonização do Brasil (Marcuschi, 2001). Não há como negar que a escrita trouxe inúmeras vantagens para a sociedade; entretanto, é necessário reconhecer que ela ganhou um lugar especial se comparada à oralidade. Em vista disso, com base nas concepções de Marcuschi (2001), compreendemos que uma supervalorização da escrita acentua a supremacia desse eixo nas escolas e na formação docente.

Essas ideias têm impactado na formação docente e são de demasiada importância nas práticas acadêmicas das licenciaturas, já que nas últimas décadas o trabalho com gêneros orais se tornou objeto de ensino, presentes em livros didáticos e indicados nos documentos curriculares (Zani; Bueno, 2017; Mattos, 2019; Nonato, 2019). O trabalho com gêneros orais despertou interesse em docentes que não tiveram uma formação efetiva para desenvolver tais atividades em sala de aula. Todavia, mesmo com o crescimento de pesquisas acerca dessa temática, ainda nos deparamos com diferenças consideráveis em relação à presença de gêneros orais e escritos nas escolas, fator este que desencadeia grandes entraves no desenvolvimento de ações docentes para o trabalho com o oral.

Sob tal ótica, conseqüentemente, refletimos sobre as camadas que envolvem o ensino de gêneros orais na atualidade. Nota-se que em função dessa pouca valorização, há uma defasagem no trabalho com o oral no ambiente escolar. Desse modo, buscando nos alinhar a ideais relativas à sistematização do oral, de acordo com Leal e Gois (2012, p. 7), é necessário “evidenciar que a fala é uma modalidade complexa (em comparação com a escrita), regida por regras e que pode se constituir em objeto de ensino autônomo na escola”. Nesse sentido, uma pedagogia do oral diz respeito a tarefas que vão além da habilidade de falar livremente em sala, de verbalizar, de atividades em que o aluno apenas “converse com o colega”. Conforme Azevedo e Galvão,

É preciso entender que as práticas da oralidade devem ser encaminhadas mediante um trabalho intencionalmente organizado, no sentido de enfatizar aspectos dos gêneros orais na sua relação com a escrita, pois não é oportuno, nem suficiente que os alunos apenas conversem com o professor ou com os colegas sobre um determinado tema (Galvão; Azevedo, 2015, p.264)

A partir dessa afirmação, reforçamos que as ações docentes na abordagem do oral em sala de aula devem abarcar atividades preparadas e organizadas, através de um planejamento prévio “pautado no uso e na reflexão acerca de diferentes gêneros textuais” (Luna, 2017, p.88), que permita que os alunos se apropriem desses gêneros e desenvolvam as múltiplas capacidades de linguagem para interagir socialmente. Em vista disso, é indispensável estabelecer estratégias para a aprendizagem do oral, considerando as diferentes etapas que a constituem: escuta com análise da fala, produção de texto oral, retextualização, avaliação da oralidade, novas produções, dentre outras atividades⁶.

No entanto, ao lançar um olhar sobre o trabalho de professores com o eixo da oralidade, percebemos um entrave que se relaciona justamente à formação docente. Em diversas pesquisas realizadas com professores da educação básica e superior, é possível perceber uma ausência de formação específica para o ensino de gêneros orais (Costa-Maciel, 2014; Galvão; Azevedo, 2015; Luna, 2017; Forte-Ferreira, Santos, Noronha, 2022; Forte-Ferreira; Magalhães, 2023). Este aspecto resulta diretamente na ausência de práticas da modalidade falada na escolarização básica, sem que seja realizado um trabalho efetivo com gêneros orais, o que revela concepções ainda muito calcadas em práticas de linguagem centradas na escrita. Observamos lacunas nos currículos acadêmicos dos cursos de licenciatura que não contemplam o ensino de oralidade e todas as suas complexas facetas. Nessa perspectiva, Luna esclarece que docentes ainda apresentam dificuldades de realizar práticas com a oralidade, “apesar de os estudos de didática da oralidade contribuírem para as reflexões sobre o ensino-aprendizagem deste eixo e dos documentos oficiais normatizarem o tratamento de tópicos de trabalhos com textos orais” (Luna, 2017, p.88). Não se trata, segundo o autor, de culpabilizar os docentes pela falta de conhecimento sobre as práticas escolares com a língua falada, já que esse é um fato sistêmico enraizado na educação (Forte-Ferreira; Santos; Noronha, 2022). Trata-se de repensar o ensino sem que questionando as bases da formação docente com vistas a implementar mudanças.

Como seria, então, uma formação para a didatização da oralidade? Esta é uma das perguntas que mobilizaram todas as nossas atividades durante a participação no projeto extensionista, já que nosso objetivo era contribuir para um trabalho de qualidade dos professores em que o oral é um dos eixos de ensino, juntamente com a leitura, a escrita e a análise linguística. Para auxiliar os educadores na construção desse trabalho sistematizado do oral, Magalhães, Storto, Costa-Maciel e Bueno

⁶ Para isso, o trabalho com a oralidade em língua materna envolve não apenas produção oral e escuta/compreensão, mas também a análise linguística, que se destina à reflexão constante sobre os discursos situados em contextos, materializando os eixos do ensino de LP: leitura, produção e análise linguística. Também são indicados eixos como a valorização do texto de tradição oral (Leal; Gois, 2012) e atividades de retextualização (Marcuschi, 2001).

desenvolveram, de maneira detalhada, um estudo que aborda as etapas para a elaboração de materiais didáticos de oralidade, visto que, para as autoras, “esses instrumentos mediadores do trabalho do docente possibilitam a inserção dos gêneros orais na formação docente com vistas à transposição didática na escola básica” (Magalhães; Storto; Costa-Maciel; Bueno, 2023, p. 3). Ao encontro disso, um outro recurso que pode ser explorado na formação docente é o desenvolvimento de sequências didáticas durante o processo formação, para munir o professor de elementos precisos quanto ao ensino de gêneros orais. De acordo com Dolz; Noverraz; Schneuwly (2010, p. 97) “uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de maneira mais adequada numa dada situação de comunicação”. Dessa forma, elaborando materiais e sequências didáticas, entre outros, podemos visualizar com os futuros docentes uma variedade de atividades que enfocam a oralidade como objeto, descrevendo-a e adaptando exercícios para alunos da educação básica.

Ao tomar como objeto a língua falada, é imprescindível uma formação científica do professor para lidar adequadamente com as especificidades e demandas de uma pedagogia do oral eficiente. Este é um dos aspectos fundamentais para rebater as ideias de senso comum que rodeiam esse eixo, como a de que falar bem é um dom. Para tanto, é necessário fomentar a aprendizagem dos gêneros orais desde a escolarização básica até a educação superior, rompendo com a ideia de que se nasce falando bem, em busca de uma concepção de que falar em variados contextos é algo que se aprende. Sendo assim, torna-se emergente a integração de disciplinas, oficinas e ações de pesquisa direcionadas à modalidade oral nas licenciaturas, especialmente nos cursos de Letras e Pedagogia, que formam os docentes de Língua Portuguesa da escola básica. Defendemos a necessidade de uma concepção de equação entre fala e escrita, assim como Miranda (2005), em que se discuta o papel dessas duas práticas, assumindo a importância que ambas desempenham no convívio social.

Com base nesses fundamentos, desenvolvemos o projeto de divulgação científica para a prática da oralidade na escola, que passamos, em seguida, a descrever.

Descrição da experiência

Com vistas a disseminar as pesquisas acerca do ensino de gêneros orais de maneira intencional e sistematizada em todas as etapas de ensino, no projeto “Divulgação científica, oralidade e formação de professores de Língua Portuguesa”, desenvolvemos práticas e divulgamos materiais para auxiliar

professores da educação básica e superior a abordarem os gêneros orais em sala de aula. Desse modo, realizamos as seguintes ações:

- 1 - Manutenção da página do LABOR na plataforma digital Instagram e no site da UFJF
- 2 - Divulgação de livros, materiais didáticos e pesquisas aplicadas no eixo da oralidade
- 3 - Publicação de notícias de divulgação científica
- 4 - Promoção de cursos e *lives* pela equipe do LABOR

O perfil do LABOR no Instagram foi criado em 2022 e conta, atualmente, com mais de 1400 seguidores. Nas atividades de divulgação nesta plataforma, entre 2022 e 2024, atuaram as 3 autoras deste relato. Contudo, em meados de 2024, o LABOR ampliou sua equipe, contando, no momento de escrita deste relato, com um total de 14 colaboradores (4 coordenadoras e 10 integrantes – graduandos, mestrandos e doutorandos, todos/as vinculados/as a 4 universidades brasileiras).

A página do LABOR no Instagram se tornou o principal espaço de divulgação do projeto, visto que suas funcionalidades permitem criar *posts* variados, como vídeos curtos e imagens, que produzimos a fim de propagar os conteúdos sobre práticas escolares e acadêmicas com a fala. A rede, além de abranger um grande público, possibilita uma comunicação direta e a identificação de quais tipos de publicações e materiais têm maior repercussão e adesão entre os seguidores. Logo, é um mecanismo de diagnóstico que nos permite encontrar resultados quase instantâneos – por meio de comentários e respostas – sobre os desafios e entraves vividos pelos professores na sua atuação, sem que se precise, inicialmente, de uma pesquisa mais profunda.

Portanto, o uso do perfil do projeto na rede social trouxe melhores índices de participação e interesse do público docente sobre o ensino desse eixo e facilitou o trabalho de divulgação da modalidade. Por conseguinte, ao atuar de forma direta nessas atividades, o projeto de extensão colaborou de maneira muito significativa para nossa formação – 1ª e 2ª autoras do relato – como futuras professoras de Língua Portuguesa e fez com que enxergássemos a magnitude do ensino de língua, que não se restringe apenas a ensinar a ler e a escrever.

Para as divulgações de materiais e textos sobre oralidade, fizemos uma curadoria dos conteúdos publicados, já que boa parte já estava inclusa no Repositório⁷ do site do LABOR. A seleção acontecia

⁷ O Repositório consiste em uma aba do site do LABOR que reúne trabalhos sobre oralidade e ensino sob variadas dimensões e temáticas: pesquisas realizadas em sala de aula da escola básica ou universidade, investigações em livros didáticos, materiais e documentos oficiais, pesquisas sobre concepções e práticas docentes, descrição e análise de gêneros orais, dentre

tradicionalmente com o apoio da orientadora do projeto – 3ª autora do relato – para que fossem encontrados estudos de pesquisadores do campo do ensino do oral, com investigações recentes, originais e preferencialmente com temáticas e gêneros orais novos ou pouco explorados, conforme já citados na seção anterior (Marcuschi, 2001; Leal e Gois, 2012; Galvão e Azevedo; Luna). Nessa ação, priorizamos materiais que contemplassem conceitos, exercícios de escuta, produção, retextualização e avaliação da oralidade, e que ilustrassem também exemplos e experiências de ensino já desenvolvidos em sala de aula, na educação básica ou superior. Da mesma maneira, aconteceu na escolha de *lives* e cursos a serem compartilhados como indicação, nos quais o enfoque foi nos conteúdos a respeito de práticas efetivas e possíveis de serem adaptadas pelos docentes em suas realidades.

Com relação às notícias de divulgação científica, elas foram escolhidas através de um compilado de produções escritas por alunos da disciplina de Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa, do curso de Letras da UFJF. A partir da seleção das notícias dos estudantes, com temática no ensino de oralidade, e de sua autorização para publicação, fazíamos poucas correções de adaptação ao discurso de divulgação científica – ainda novo para os graduandos – para, finalmente, divulgá-las na rede social do laboratório bem como no Repositório. Um trabalho que detalha a produção das notícias está descrito em Magalhães (2023).

No que diz respeito à promoção de cursos de extensão e *lives*, buscamos reunir professores de diferentes universidades que participam do LABOR, visto que a iniciativa é interinstitucional, para compartilhar seus conhecimentos acerca das dimensões ensináveis do oral. Dentre as atividades promovidas, estão o curso de extensão “Oralidade: práticas profissionais e educativas⁸”, que aconteceu no ano de 2022, e o ciclo de *lives* “Oralidade: gêneros acadêmicos e profissionais⁹”, desenvolvido no ano de 2023. Já no ano de 2024, implementamos o “Grupo de estudos aberto do LABOR¹⁰”, que envolve professores da educação básica e superior de diferentes estados, interessados em estudar temáticas do ensino de gêneros orais. Além dos profissionais que integram o laboratório, outros pesquisadores da temática também foram convidados para apresentar seus estudos e práticas. Nessas atividades, nós, bolsistas, atuamos em todas as atividades, desde as inscrições, o contato com os palestrantes, o monitoramento no momento dos encontros (*lives*, aulas ou sessões do grupo de estudos) até o encerramento (confeção de certificados), além de nos dedicarmos às artes para anunciar os temas e

outros.

⁸ <https://www2.ufjf.br/labor/2022/08/07/curso-de-extensao-oralidade-praticas-profissionais-e-educativas/>

⁹ <https://www2.ufjf.br/labor/wp-content/uploads/sites/324/2023/09/1-LIVES-do-LABOR-2023-1.pdf>

¹⁰ <https://www2.ufjf.br/labor/eventos-e-cursos/>

datas dos encontros. Vale ressaltar que todas as transmissões ao vivo eram gravadas para que, posteriormente, pudéssemos divulgá-las novamente, através de vídeos curtos (*reels*) com cortes dos pontos essenciais e mais atrativos das falas dos palestrantes.

Avaliação dos resultados

Ao analisar as ações desenvolvidas no trabalho de divulgação dos estudos sobre oralidade e seus resultados, percebemos uma maior interação do público nas publicações de textos que se voltam para a didatização de gêneros orais, principalmente os mais recentes, como vídeo-minuto e tutorial em vídeo. Além disso, houve um engajamento muito significativo nos *posts* de vídeos (*reels*) com trechos de *lives*, cujas temáticas são centradas nas concepções sobre o ensino de oralidade e na realização de atividades com os gêneros. Notamos que o interesse nesse tipo de conteúdo é de um público bastante plural, desde graduandos até pesquisadores já bem estabelecidos no meio acadêmico.

Com relação aos cursos de extensão, *lives* e grupo de estudos, observamos uma boa participação com diversidade regional, através das interações nos *chats*, uma vez que os ouvintes compartilham suas ideias, o lugar de onde estão acompanhando e dão *feedbacks* positivos sobre os trabalhos apresentados. Nesses formatos de apresentação e discussão, emergem reflexões significativas que envolvem: a) as dificuldades enfrentadas pelos alunos nas práticas orais; b) os desafios para “ensinar a falar” em diferentes esferas; c) os traumas escolares enfrentados pelos cursistas no uso da fala pública e a transformação dessas experiências em vivências mais positivas com seus estudantes; d) as práticas de oralidade de quando eram alunos e a ausência da didatização do oral para a conscientização sobre a necessidade desse ensino; e, por fim, e) a ausência de práticas na sua própria graduação.

Vale ressaltar que a repercussão das publicações das notícias de divulgação científica não foi tão satisfatória, já que houve uma queda no alcance de tais divulgações. Consideramos que tal falta de interesse ocorre porque as notícias de divulgação científica são textos mais longos. Por conta disso, acreditamos que o público tem preferido conteúdos mais curtos¹¹, dinâmicos e humanizados – fator que dialoga muito com o cenário atual das redes sociais nos mais diversos nichos. Desse modo, optamos por excluir, momentaneamente, essa ação do nosso cronograma de atividades, visto que não gerava o engajamento esperado nos leitores/seguidores e nem mesmo correspondia às expectativas do objetivo do projeto.

¹¹ Como não é objetivo do artigo, não vamos discutir as razões por esta preferência por postagens curtas.

Considerações finais

Após a finalização do presente relato, com base na análise dos resultados obtidos, ao apresentar as experiências vividas como bolsistas na extensão e como orientadora, pudemos perceber que os pressupostos sobre a realidade do trabalho com o oral e da formação docente foram confirmados. Foi possível comprovar que, mesmo com os avanços das pesquisas que tematizam a oralidade, ainda se faz necessário um trabalho que impulse o reconhecimento do ensino desse eixo. Além disso, percebemos a necessidade de que novas disciplinas e práticas, também centradas no ensino de gêneros orais, sejam implementadas nos currículos dos cursos de licenciatura, conforme várias pesquisas divulgadas indicam.

Nessa direção, objetivamos, com este projeto, evidenciar a importância da divulgação científica como forma de possibilitar maior acesso dos professores de línguas a conteúdos de oralidade, com vistas a dar suporte às práticas escolares e acadêmicas, para que seja realizado um trabalho de maneira sistematizada e consistente. É válido salientar que, através desse objetivo e diante do cenário de desvalorização da fala em comparação com a escrita, não pretendemos, de forma alguma, culpabilizar os docentes pela ausência de didatização do oral, visto que, como já dito, sabemos dos hiatos existentes em sua formação.

À luz dessas questões, concluímos que a participação no projeto foi significativamente enriquecedora para nossa formação como graduandas do curso de Letras, dado que expandimos nossos conhecimentos acerca da oralidade – o que nos permitiu construir um olhar crítico sobre os problemas enfrentados no trato com o oral em sala de aula – e desenvolvemos um repertório de atividades factíveis com a língua falada. Tal experiência nos possibilitou também adquirir aprendizados essenciais, por meio das vivências compartilhadas por professores do grupo de pesquisa em que o projeto está integrado, que, com certeza, serão de grande valia para nosso exercício da docência.

Além disso, consideramos que atingimos nosso objetivo, já que tivemos um crescimento expressivo de seguidores e interação nas redes sociais, o que nos revela maior alcance de pessoas aos conteúdos; além disso, recebemos comentários positivos de professores que acompanharam nosso trabalho e conseguiram encontrar bases para fundamentar suas metodologias e práticas durante o ensino de gêneros orais.

Reforçamos a necessidade da busca pelo rompimento do mito da supremacia da escrita, para

que a pedagogia do oral também ocupe um lugar de prestígio no ambiente de ensino, sem que haja concorrência entre fala e escrita, mas integração de modalidades em atividades efetivas.

Por isso, pretendemos prosseguir com as divulgações de novos materiais, nos quais há a centralidade da oralidade, e ampliar as atividades direcionadas à capacitação docente quanto ao trabalho efetivo com o oral, como a promoção de cursos de formação continuada e grupos de estudo. Visamos ainda intensificar as ações nas mídias sociais, a fim de atrair mais pessoas – inclusive oriundas de outras licenciaturas – a estudar sobre gêneros orais e, conseqüentemente, contribuir para o aumento de pesquisadores e laboratórios nessa área, gerando avanços significativos para a educação brasileira.

Referências

- ARAÚJO, D. L.; SILVA, W. M. **A oralidade em foco**: conceitos, descrição e experiências de ensino. 2 ed. Campinas, Editora Pontes: 2016.
- ÁVILA, E.; NASCIMENTO, G.; GOIS, S. (2012) Ensinando a oralidade: revisitando documentos oficiais e conversando com professores. In T. Leal, S. Gois. (Orgs.). *A oralidade na escola: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão*. (pp.37-56). Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- GALVÃO, M. A. M.; AZEVEDO, J. A. M. A oralidade em sala de aula de língua portuguesa: o que dizem os professores do ensino básico. **Revista Filologia e Linguística Portuguesa**, [S. l.], v. 17, n. 1, p. 249–272, 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/flp/article/view/108791> . Acesso em: jan. 2020
- BUENO, L. Gêneros orais na escola: necessidades e dificuldades de um trabalho efetivo. **Revista Instrumento**, v. 11, n. 1, p. 9-18, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/revistainstrumento/article/view/18612>. Acesso em: jan. 2020
- BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. **Gêneros orais no ensino**. Campinas: Mercado de Letras, 2015.
- COSTA-MACIEL, D. A. G. **Oralidade e ensino**: saberes necessários à prática docente. Recife: EDUPE, 2014.
- COSTA-MACIEL, D. A. G.; FORTE-FERREIRA; E. C; BILRO, F. K. Saberes discentes mobilizados na produção e na apresentação do gênero exposição de pôster acadêmico. In: MAGALHÃES, T. G.; BUENO, L. COSTA-MACIEL, D. A. G. **Oralidade e gêneros orais**: experiências na formação docente. Campinas, São Paulo: Editora Pontes, 2021.
- COSTA-HÜBES, T. C. SWIDERSKI, R. M. S. Gêneros orais e ensino: uma experiência didática com notícia televisiva. In: BUENO, L.; COSTA-HÜBES, T. C. (Orgs.). **Gêneros orais no ensino**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2015.
- DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Seqüências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de

um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras [2004] 2010, p. 81-108.

FORTE-FERREIRA, E. C.; SANTOS, R. I. A.; NORONHA, L. A. Formação docente e o ensino de oralidade: entre concepções e práticas em sala de aula. **Revista Interfaces**, v. 13, n. 2, 2022. Disponível em: https://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/7159 Acesso em: 20 jan. 2023

FORTE-FERREIRA, E. C.; MAGALHÃES, T. G. Oralidade e gêneros orais na formação docente em diferentes licenciaturas. **Revista Educação e Linguagens**, v. 12, n. 24. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.33871/22386084.2023.12.24.236-269> Acesso em: 19 nov. 2023

KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

LEAL, T. F.; BRANDÃO, A. C. P.; NASCIMENTO, B. E. S. Basta conversar? A prática de ensino da oralidade no segundo ciclo. In: HEINIG, O.; FRONZA, C. A. (Orgs). **Diálogos entre linguística e educação**. Blumenau, EdiFurb 2010, p. 91-114.

LEAL, T. F.; GOIS, S. **A oralidade na escola**: a investigação do trabalho docente como foco de reflexão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

LUNA, E. A. A. Desafios de docentes universitários brasileiros sobre didática de oralidade na formação de professor de Português. **Indagatio Didactica**, v. 9, n.4, p. 81-96, 2017. Disponível em: <https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/721> Acesso em: 20 jun. 2024.

MAGALHÃES, T. G. Formação docente na perspectiva do letramento científico: práticas com artigos, notícias de divulgação e podcasts. **Revista Leia Escola**, Campina Grande, v. 23, n. 1, p. 82–102, 2023. DOI: 10.5281/zenodo.8021665. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/615>. Acesso em: 3 out. 2024.

MAGALHÃES, T. G.; LACERDA, A. P. de O. Concepções e práticas de oralidade na escola básica na perspectiva dos docentes. **Horizontes**, [S. l.], v. 37, p. 1-23. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/664>. Acesso em: 19 set. 2022.

MAGALHÃES, T. G.; STORTO, L. J.; COSTA-MACIEL, D. A. G.; BUENO, L. Elaboração de materiais com gêneros orais na formação inicial: procedimentos para o trabalho com a oralidade na escola básica. **Oralidad-es**, [S. l.], v. 9, p. 1-18, 2023. DOI: 10.53534/oralidad-es.v9a3. Disponível em: <https://revistaoralidad-es.com/index.php/ro-es/article/view/173>. Acesso em: 2 dic. 2024.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. São Paulo, Contexto, 2001.

MATTOS, P. S. Oralidade e formação de professores: o desenvolvimento de capacidades docentes na formação inicial de Letras da UFJF. 2019. 320 p. **Dissertação** - Programa de Pós-Graduação em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora. 2019.

MIRANDA, N. S. Educação da oralidade ou *Cala a boca não morreu*. **Revista Da Anpoll**, vol. 1, n. 18, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.18309/anp.v1i18.445> Acesso em: 20 jan. 2020.

NONATO, S. Oralidade, ensino de língua portuguesa e formação do professor. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 19, n. 1, p. 49-68, 2019. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982019000100049

Acesso em: 20 jan. 2020.

RODRIGUES, S. G. C.; LUNA, E. A. A. (2016). O ensino da oralidade no contexto do Ensino Fundamental. In: Rodrigues, S. Luna, D. Costa-Maciel (orgs.). **Oralidade & Leitura: olhares plurais sobre Linguagem e Educação**. (pp.49-74). Recife: Editora UFPE

SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. **Gêneros orais e escritos na escola**. São Paulo: Mercado de Letras [2004] 2010, p. 81-108.

SIGNORINI, Inês (org.). **Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 2001

ZANI, J. B.; BUENO, L. (2017). O ISD, a Análise da Conversação e os Meios não-linguísticos: uma proposta de quadro de análise da comunicação oral em eventos científicos. **Revista Veredas**, n. 21. Volume Especial, 2017. Disponível em <https://doi.org/10.34019/1982-2243.2017.v21.28027>

Acesso em: 20 abr. 2022.

Revisão textual e de normas da ABNT realizada pelas autoras.